



OS PERSONAGENS E HISTÓRIA
RELIDOSEM AS AGRURAS DO VERDADEIRO
TIRA DE ROBERTO BOLAÑO
Juan Castro Chacón¹

As agruras do verdadeiro tira (título original: *Los sinsabores del verdadero policía*).
Autor: Roberto Bolaño. Tradução de Luiz Eduardo Brandão.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 320p.

Com sucesso de vendas, obtido pelos romances *Os detetives selvagens* (2006) e *2666* (2010), em português, Roberto Bolaño chegou ao mercado literário brasileiro, e com críticas favoráveis, destacando-se como um dos melhores escritores contemporâneos do mundo hispanófono. Em uma carreira curta e veloz para a fama, lançou no Brasil *As agruras do verdadeiro tira*, romance de 320 páginas, publicado pela editora Companhia das Letras, em 2013. As duas primeiras obras mencionadas levarão o leitor à curiosidade de saber se existe alguma ligação delas com este novo romance, em conteúdos e em personagens. De fato, em *As agruras do verdadeiro tira*, o autor não deixa de brincar com personagens repetidos, elementos que parecem pular de uma obra para outra.

As agruras do verdadeiro tira contém personagens já conhecidos, como Amalfitano e sua filha Rosa, e Arciboldi (de *2666*, com leves diferenças), embora em *As agruras...* Amalfitano esteja relacionado com um poeta marginal e homossexual chamado Padilla, quem o fará encontrar-se com a sua *verdadeira* sexualidade.

¹ Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFG.

Assim, nesse jogo de imitações, pode-se observar que Ernesto San Epifanio, personagem que aparece na primeira parte de *Os detetives selvagens*, classifica, na sua fala, a vários expoentes da literatura mundial por suas inclinações sexuais. Esta mesma descrição pertence, também, a Padilla na primeira parte de *As agruras do verdadeiro tira*, destacando assim o procedimento de repetição e de memória, utilizado pelo escritor como marca registrada em seu procedimento narratológico.

Chama a atenção a posição do narrador, quem não se pode considerar totalmente onisciente. Ele sempre amarra suas dúvidas com *quizá* ou *talvez*, desafiando a capacidade de aceitação dos leitores, além de deixar suas ideias se inventarem nas falas dos personagens.

Conjuntamente, o narrador parece estabelecer rupturas precisas da linha narrativa conforme a história se desenvolve. Um desses casos é quando se interrompe a descrição do protagonista e de seus personagens secundários, para passar a um esquema biográfico de sicários-políciais corruptos e suas inusitadas aventuras, incluindo um detalhe genealógico de uma dessas figuras. Assim, o narrador quebra a linearidade da história e põe um parêntese na sua própria opinião. Ou seja, ele (o narrador) passa a um plano *fantasma* e parece transformar-se em simples observador e descritor lacônico, quase sempre com a expressão “como se...” deixando ver seu caráter meramente descritivo.

Outro ponto que diferencia *As agruras do verdadeiro tira* do resto das publicações de Bolaño é o caminho pelo qual o narrador conduz o leitor, a partir dos argumentos estéticos da narração. Assim, nessas cinco partes com que se compõe a obra, o protagonismo (maior) parece ser a do chileno Óscar Amalfitano, professor universitário de literatura hispano-americana em Barcelona quem, ante um escândalo amoroso, vê-se obrigado a sair da instituição catalã, e é transferido a outra universidade para evitar maiores problemas com a justiça. A universidade de transferência se encontra em uma cidade violenta no interior do México. Não havia nada a fazer, pois sem dinheiro não poderia se manter. Nesse êxodo, a sua única filha acompanha Padilla, o poeta homossexual, não sai dos seus pensamentos. Mas Padilla e Amalfitano vivenciam um relacionamento que se baseia em envios recíprocos de cartas, contando-se experiências cotidianas sem importância e vicissitudes que repercutem seus mais íntimos sentimentos. O desenlace parte para o final da história, no qual Padilla menciona, poeticamente, que está em plena agonia, “*Elisa* me acompanha todos os dias” disse, em referência ao exame

sanguíneo que se faz quando há probabilidades de infecção pelo vírus HIV. Além disso, Padilla encontrava-se escrevendo um livro (interminável) que chamaria *O deus dos homossexuais*, como outra referência à AIDS.

Desta forma, *As agruras do verdadeiro tira* não somente se assume como uma obra mais de Roberto Bolaño; considerar-se-ia, além de um instrumento para reler aspectos históricos de uma guerra desonesta entre escritores e o mundo, uma narrativa que abre as portas para um olhar indiscreto do mundo: humor, fatalidade e maldade. Isto, só um *bom tira* poderia ser capaz de ler este livro.